

Margens do Rio Cururu, Alto Tapajós

Walter Andrade Parreira

... A vida cantando...
só as águas passando,
o rio caminhando,
fazendo devagar a curva
 à sua frente,
 e crescendo a cada instante,
 a cada encontro
 com o outro rio,
 à sua esquerda,
 que também não pára de vir.
Só o sol abençoando
e dourando,
agora mais mansamente,
essa tarde
e esse recanto,
penetrando e completando
 a paisagem
 de paz...
 que passa para dentro de mim.
De tal forma que não sou mais estrangeiro,
de tal forma que minha presença não é mais estranha
 a esse lugar
 e a esse momento.
 Estou integrado neles
 – eu também *sou* eles –
 efeito de sua beleza e magia.

À esquerda,

à distância,

olhos sonham a paisagem:

o frei Paim,

no acolhimento e aconchego

da sua cadeira

na varanda de sua casa...

varanda que continua no gramado,

gramado que leva o seu olhar até o rio...

as águas o conduzem até a mata,

a mata o adentra em seus mistérios...

O que vêem aqueles olhos

que,

há mais de meio século,

pousam diariamente

naquela visão,

guardando-a,

velando-a...

arrebatados,

encantados?

Não posso ver o que vêem,

não tenho acesso a eles,

vejo apenas a sua direção:

o rio

e,

para além dele,

a floresta.

Como alcançá-los

e aprender com eles

a sabedoria,

o desprendimento,

a novidade,

a nova-idade

de ver,

a cada dia,

a cada momento,

a cada segundo,

que o rio é novo

e as águas primeiras?

que a folha cresceu

e a floresta acaba de florescer?

que a velha árvore tombou

e a mata acaba de morrer?

que o broto surgiu

e a mata acaba de nascer?

Aqueles olhos assistem

desde quase sempre,

uma pintura divina:

a beleza da paz

desse rio largo e aberto,

dessa curva mansa e calma,

e a paz da beleza

de manhãs e tardes

eternas.

Uma paz tão linda

quanto a ordem natural

e a harmonia silenciosa

... e barulhenta

dos habitantes verdes da floresta:

os gnomos,

os duendes,

as sílfides,

as salamandras...

A paz passa
aqui,
beijando cada folha
e cada cor,
cada movimento
e cada gesto,
tocando em nós,
abençoando
todas as coisas,
todos os seres.

A paz passeia
aqui,
nas rugas e dobras do rio,
em cada pequena onda,
em cada pequeno borbulhar,
brincando de estourar as bolhas
e de explodir qualquer imagem
que eu pudesse ter feito um dia
sobre ela
e sobre a beleza...
Qualquer idéia seria estreita demais
para essa realidade tão ampla –

tão

sem

margens

– realidade que não caberia
em qualquer fantasia,
que jamais seria prisioneira
de qualquer visão
ou sonho.

E,

além

das margens,

do caudal,

do sol,

da tarde,

do irmão,

do olhar,

da floresta...

a música,

a música do lugar:

“...Todo dia o sol levanta

e a gente canta o sol de todo dia,

finda a tarde a terra cora

e a gente chora

porque finda a tarde.

Quando é noite

a lua mansa

e a gente dança

venerando a noite...”¹

A música vem

do passar das águas

– passos do rio –

e da resistência das margens,

vem dos raios do sol,

ao encontro,

tato e toque

em tudo em que pousa,

do calor da floresta

e da sua respiração,

do olhar do padre

e das suas visões,

da minha presença,
e do silêncio
e movimento...

movimento de toda essa vida.

E ainda o coro dos pássaros...

... só pássaros cantando.

E tudo

de repente então silente
respeito ao que é belo
– em atenção e homenagem –
a fazer do silêncio coro com esse canto...

...tudo então cantando.

Assim a vida vibra

em harmonia
em explosão
em silêncio

nesse lugar onde todas as notas,

todos os tons

...e tons,

todos os verdes,

todos os sons,

e presenças:

frei,

sol,

mata,

rio,

todos os olhares:

água,

bicho,

peixe,

homem

se conjugam
num momento
e ser únicos.

Eu presencio
e testemunho,
participando
de tudo isso...

de uma festa de paz.

... Enquanto o rio continua indo,
os pássaros continuam cantando,
o silêncio continua fazendo,
o olhar do frei contemplando...
...a tardinha penetrando a floresta
e nascendo a vida.

E eu... vivendo de tudo isso.

¹ Canto do povo de um lugar – Caetano Veloso

Extraído do livro:
Tavé, Nação Mundurucu – Uma Aventura na Amazônia.
(cap. 4 – ‘Wei kabiá’ – pág. 81 a 86)